

NOTÍCIA DAS TESES DEFENDIDAS E DISSERTAÇÕES APRESENTADAS EM 2003 E DAS PESQUISAS EM ANDAMENTO EM 2004

Teses de doutorado defendidas em 2003 (pelo mês)

fevereiro:

José Dejalma Dezotti. *A doutrina do verbo nos grammatici Latini.*

Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

março:

Marcos Aurélio Pereira. *O discurso gramatical antigo, seu reflexo em Quintiliano e sua repercussão: algumas questões.*

Orientador: Prof. Dr. Antônio da Silveira Mendonça.

agosto:

Luís Carlos Lima Carpinetti. *O aspecto polêmico da apologia de Jerônimo contra Rufino.*

Orientador: Prof. Dr. Antônio da Silveira Mendonça.

Paulo Martins. *Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto (44 a.C. - 14 d.C.).*

Orientadora: Profa. Dra. Ingeborg Braren.

dezembro:

André Malta Campos. *Agrios ate. A selvagem perdição. Interpretação da Ilíada.*

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano.

Dissertações de mestrado apresentadas em 2003 (pelo mês)

fevereiro:

Adriano Scatolin. *Sátiros e Sátiras na poesia antiga: estudo e tradução dos De Satyrica Graecorum poesi et Romanorum Satira libri duo, de Isaac Casaubon.*

Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso

Heitor Bittencourt Filho. *Anotações sobre o texto grego da Epístola de Tiago, com ênfase no aspecto e modo verbal, tema e argumentação.*

Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

julho:

Ana Paula Celestino Faria. *Benevolência e autoridade do orador na Retórica a Herênio.*

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Chiappetta.

agosto:

Elisa Platzeck Leonardi. *A memória na retórica latina.*

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Chiappetta.

Giuliana Ragusa de Faria. *Fragmentos de uma deusa: representação de Afrodite na lírica de Safo.*

Orientadora: Profa. Dra. Paula da Cunha Corrêa.

setembro:

Adriana Seabra. *Êthos e páthos na Retórica a Herênio*

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Chiappetta.

Pesquisas em andamento em 2004 (por linha de pesquisa)

Narrativa greco-latina:

As Argonáuticas de Apolônio de Rodes: tradução e estudo.

Mestrando: Fernando Rodrigues Júnior. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

As Metamorfoses de Ovídio.

Doutoranda: Elaine Cristina Prado dos Santos. Orientadora: Profa. Dra. Ingeborg Braren.

Cornelius Nepos e a biografia latina.

Mestrando: Leonardo Davine Dantas. Orientador: Prof. Dr. Antônio da Silveira Mendonça.

Edição e estudo do manuscrito As transformações de Ovídio.

Mestrando: Aristóteles Anghoben Predebon. Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto.

Entre os olhos e os ouvidos: a Guerra Civil de César e Pompeu segundo Lucano e segundo Júlio Floro.

Mestrando: Gilson Charles dos Santos. Orientador: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos

Hinos homéricos teogônicos.

Doutoranda: Maria Lúcia Gili Massi. Orientador: Prof. Dr. Antônio Medina Rodrigues.

Manobras poéticas entre a Ilíada e a Odisséia: o caso de Odisseu.

Doutorando: Christian Werner. Orientadora: Profa. Dra. Filomena Yoshie Hirata.

O lógos sensível: a narrativa homérica como experiência da sensibilidade.

Doutorando: Antônio Gomes da Silva. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

Os hinos de Calímaco: poesia e poética.

Mestranda: Erika Pereira Nunes. Orientador: Prof. Dr. Antônio Medina Rodrigues.

Os hinos homéricos.

Mestrando: Gilmar Pereira da Silva. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

Tácito e a nova função da retórica.

Doutorando: Pablo Schwartz Frydman. Orientadora: Profa. Dra. Ingeborg Braren.

Poesia, lírica, satírica e didática:

A figura de Afrodite no período arcaico.

Doutoranda: Mary Macedo de Camargo Neves Lafer. Orientadora: Profa. Dra. Filomena Yoshie Hirata.

A formação do gênero bucólico em Virgílio.

Mestrando: Alexandre Pinheiro Hasegawa. Orientadora: Profa. Dra. Angélica Chiappetta.

A “Pítica VII” de Píndaro: tradução, anotação e estudo.

Mestrando: Alisson Alexandre de Araújo. Orientadora: Profa. Dra. Paula da Cunha Correa.

As Astronômicas de Marco Manílio: estudo e tradução.

Mestrando: Marcelo Vieira Fernandes. Orientadora: Profa. Dra. Ingeborg Braren.

Implicações da métrica nas Odes de Horácio.

Doutoranda: Heloísa Maria Moraes Moreira Penna. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

O *arcadismo* nos *Idílios de Teócrito* e nas *Bucólicas de Virgílio*.

Mestrando: Márcio Luiz Moitinha Ribeiro. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

O “*Livro IV*” das *Elegias de Propércio: lírica e nacionalismo*.

Doutorando: Ricardo da Cunha Lima. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Teatro greco-latino:

A *Assembléia das mulheres de Aristófanes: tradução e estudo*.

Mestranda: Tatiana Vieira Barcelos. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

A *Ifigênia em Áulis de Eurípides: introdução, tradução e notas*.

Mestrando: Wilson Alves Ribeiro Junior. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

A *Ifigênia em Táuris de Eurípides*.

Doutorando: Fabricio Possebon.

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano.

Aristófanes e Platão: a justiça na pólis.

Doutoranda: Ana Maria César Pompeu. Orientador: Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano.

Características da comédia de Plauto.

Mestranda: Yara Dias da Silva. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Estudo e comentários da Hécuba de Eurípides.

Mestranda: Érica Siani Moraes. Orientadora: Profa. Dra. Paula da Cunha Correa.

O Hércules no Eta de Sêneca.

Doutorando: José Geraldo Heleno. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Metalinguagem e mimesis em Plauto.

Doutoranda: Isabella Tardin Cardoso. Orientador: Prof. Dr. Antônio da Silveira Mendonça.

Mito e tragédia.

Doutoranda: Lúcia Rocha Ferreira. Orientador: Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano.

Os caminhos da paixão no Hipólito de Eurípides.

Doutorando: Fernando Crepim Zorrer da Silva. Orientador: Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano.

Discurso teórico greco-latino:

A comédia na argumentação do Pro Caelio de Cícero.

Mestrando: Paulo Silva Sampaio. Orientadora: Profa. Dra. Angélica Chiappetta.

A doutrina da elocução segundo o Orator de Cícero.

Mestrando: Tomislav Deur. Orientadora: Profa. Dra. Angélica Chiappetta.

A educação na Antigüidade.

Doutoranda: Marly de Bari Matos. Orientadora: Profa. Dra. Ingeborg Braren.

A figura feminina nos Moralia de Plutarco: heroísmo e outras virtudes.

Mestranda: Mariana Duarte Silveira. Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte.

Advogados de Cristo e falsos mestres. Heresia, intolerância e liberdade de consciência no século XVI: o caso Miguel Servet.

Doutoranda: Elaine Cristine Sartorelli. Orientadora: Profa. Dra. Ingeborg Braren.

Edição crítica do De oratore de Marcus Tullius Cicero.

Mestranda: Luana dos Santos Castro. Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

O prólogo dos diálogos filosóficos de Cícero.

Mestranda: Bernardeth Oliver Guandaligni. Orientadora: Profa. Dra. Angélica Chiappetta.

O Timeu de Platão.

Mestrando: Kleber Henriques Massi. Orientador: Prof. Dr. Antônio Medina Rodrigues.

Os Moralia de Plutarco.

Mestranda: Cheila Aparecida Bragadin. Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

O De legibus de Cícero: tradução e estudo.

Mestrando: Marcos da Silva Kucharsky. Orientadora: Profa. Dra. Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

O Timeu de Platão traduzido por Cícero.

Mestranda: France Yvonne Murachco. Orientador: Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano.

Estrutura da frase grega e latina:

A abordagem comunicativa no ensino do latim.

Mestrando: Sílvio César da Silva. Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

A interdiscursividade da teologia e do direito penal no campo semântico da língua latina.

Mestrando: Jânio Celso Silva Veiga.

Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

A onomatopéia na língua latina.

Mestranda: Maria Lucilia Ruy.

Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

Morfossintaxe histórica a partir de um texto de Fedro.

Mestrando: Marcelo Ferreira da Silva.

Orientador: Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho.

O De interpretatione de Aristóteles: um marco na história da língua grega.

Doutorando: Guilherme Mello Barreto Algodoal.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

Uma nova aprendizagem do grego do Novo Testamento.

Mestrando: Esequias Soares da Silva.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco.

Disciplina de pós-graduação ministrada por Professor Convidado em 2003

Em 2003, o Prof. Dr. Pierre Chiron, da Université de Paris XII / Val de Marne, colaborou como Professor Convidado nas atividades do PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP, com o apoio da FAPESP, ministrando disciplina de pós-graduação e também participando de reuniões de discussão com os pesquisadores do Programa. Expressamos aqui a honra de ter recebido o Prof. Dr. Pierre Chiron em nosso Programa e registramos os nossos agradecimentos à FAPESP. A seguir, resume-se a disciplina ministrada.

Dados da disciplina:

nome e sigla da disciplina: “Rhétorique ancienne” (FLC 5946)

Professor Convidado: Prof. Dr. Pierre Chiron (Université de Paris XII / Val de Marne)

local: FFLCH/USP

período: de 19 de agosto a 3 de setembro de 2003

promoção: PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP

apoio: FAPESP

Apresentação da disciplina:

Em seis aulas, a saber, nos dias 19-20, 26-27 de agosto e nos dias 2-3 de setembro, o Prof. Dr. Pierre Chiron ministrou a disciplina de Pós-Graduação FLC 5946 “Rhétorique ancienne”, em que tratou três aspectos dos estudos da retórica antiga, a saber: 1º as causas que motivam a renovação do interesse dos classicistas modernos pela retórica antiga; 2º os problemas filológicos de investigação dos textos gregos de retórica e o confronto de edições críticas modernas destes; 3º a gênese e desenvolvimento de doutrinas retóricas diversas, tais como a doutrina das figuras e tropos, dos *progymnasmata*, das *stáseis*, do *lógos eskhematísménos*. Tal disciplina é plenamente afim com os Projetos de Pesquisa do PPG Letras Clássicas da FFLCH/USP, a saber: a) com “Teorias do discurso na antiguidade: retórica e poética em Roma”, b) com “*Rhetorica ad Herennium*: tradução, estudo e comentário”, que se filiam na Linha de Pesquisa “Discurso Teórico Greco-Latino”; além disso, filia-se parcialmente em projetos de pesquisa de outros programas de pós-graduação. Por isso, atraiu muitos pesquisadores, não só do nosso Programa, mas pesquisadores de outros programas, a saber: a) pesquisadores do PPG Filologia e Língua Portuguesa da FFLCH/USP que se interessam pelos estudos de estilística, b) pesquisadores do PPG Literatura Brasileira e do PPG Língua e Literatura Inglesa da FFLCH/USP que aplicam as doutrinas retóricas greco-latinas na leitura de autores da língua portuguesa ou inglesa dos séc. XVI e XVII, c) pesquisadores do PPG Educação da FE/USP que se interessam pela contribuição dos *progymnasmata* para a educação greco-romana.

Resumo da disciplina:

1ª aula (19/8)

– poder-se-iam arrolar três razões que explicassem o interesse atual pela retórica:

1ª a retórica afina-se com um ramo da lingüística atual, isto é, com a pragmática, que se ocupa com o funcionamento da língua num certo contexto;

2ª o estudo da retórica é ainda relativamente incipiente, porque foi por muito tempo ocultado ou mesmo “amaldiçoado”. De fato, já no séc. IV a.C., Platão amalgamou retórica e sofística, como se ambas fossem *tribai* concebidas para enganar. Depois, Aristóteles pretendeu dar à retórica estatuto epistemológico, fazendo-a ocupar-se não só do que é e do que foi, mas do que será. Entre os neoplatônicos, porém, a educação assentava-se em Aristóteles, mas culminava com Platão. Na França, foi Pierre de la Ramée o primeiro a negar a ciência do provável, e o Romantismo, enfim, favoreceu o subjetivismo em detrimento do fingimento retórico. Em suma, primeiro, a retórica incorreu em descrédito por causa de Platão e recuperou seu crédito por causa de Aristóteles; depois, porém, seguiu-se a decadência dos estudos de retórica. Isso explicaria por que os textos de *progymnasmata*, por exemplo, tão importantes para o desenvolvimento da retórica grega, até há pouco não tinham sido traduzidos; o texto de Élio Teão, por exemplo, apenas em 1997 foi editado e traduzido por M. Patillon;

3ª a retórica frutificou de tal modo entre os antigos que, hoje, seria impossível estudar prosa ou poesia grega sem o conhecimento dela. Por exemplo, não se poderia ler o romance *Leucipo e Clitofonte* sem o conhecimento da doutrina da *ékphrasis* exposta nos *progymnasmata*. Pode-se dizer que a retórica não só está no coração, mas é o coração da educação grega. Os declamadores tornavam-se, de fato, vedetes. Na verdade, em Atenas, no séc. V a.C., cada cidadão tinha 30% de chances de se eleger para altas dignidades políticas, e o meio de alcançar tal objetivo era a prática oratória.

– no artigo “Who was Corax”, T. Cole discute as origens da retórica a partir da história de Córax e Tísias e, daí, da embaixada de Górgias, discípulo de Córax, a Atenas. Repara em que a data da embaixada coincide com a data do episódio de Trasíbulo e, daí, do nascimento da democracia, isto é, com o ano de 466 a.C.. Daí, critica a versão da embaixada dada pela vulgata bizantina. Ora, Platão é o pri-

meiro a rememorar o nome de Tísias, e Aristóteles, o de Córax. Aliás, segundo L. Brisson, o que diz Sócrates em *Phaedr.* 266, quando alude a Córax ou a qualquer outro que tenha outro nome, não seria apenas dúvida ou hesitação, mas fórmula de precaução religiosa empregada nas oferendas dos deuses. Cícero, no “Livro III” do *De oratore*, diz que é para Córax deixar sair do ninho seus maus corvos, o que lembraria a referência da vulgata bizantina ao mau ovo de Córax. Outras referências que lembram a vulgata bizantina lêem-se em Sexto Empírico (séc. II d.C.) e Amiano Marcelino (séc. IV d.C.). Porém, a discussão acerca do salário de Córax lê-se nas *Flóridas* de Apuleio, mas é encenada por outras personagens, isto é, por Protágoras e por Êvatlo. Demais, Diógenes de Laertes diz que foi Protágoras o primeiro a cobrar por suas lições, o que contradiz a vulgata bizantina. Enfim, Cícero diz que, na *Sylloge tekhnon* de Aristóteles, Córax e Tísias foram os primeiros a compor um tratado de retórica consagrado, não ao deliberativo, mas ao judicial. Tal notícia, aliás, lê-se também nos *Prolegômenos* de Sópatro (séc. IV d.C.). Daí, duas conclusões parecem impor-se. A primeira, que é para duvidar que Tísias e Córax tenham sido discípulo e mestre, pois teriam sido antes colaboradores na elaboração de um tratado de retórica. A segunda, que é para duvidar que a retórica tenha começado como gênero deliberativo, pois teria começado como gênero judicial. Na verdade, admite-se que a origem da retórica é judicial e remonta à transição da tirania para a democracia. Enfim, após contestar a validade da vulgata bizantina, Cole explica a origem desta. Segundo Cole, a intenção do autor da vulgata teria sido a de purgar a retórica da origem judicial; pois já Isócrates e Cícero se queixavam de que os primeiros rétores se atinham às querelas filosóficas. Daí, enfim, Cole conclui que a vulgata bizantina pretende fazer propaganda da retórica.

2ª aula (20/8)

– pode-se dividir o erro manuscrito em duas espécies, a saber: 1ª em erro mecânico, que aliás é mais freqüente naquele que copia o que conhece que naquele que copia o que não conhece; 2ª em erro intencional, por exemplo, daquele que copia o texto para com ele ilustrar alguma doutrina e, daí, adapta aquele a esta, ou daquele que copia o texto para uso pessoal e, daí, o reescreve como prefere.

– para que a cópia seja boa, é necessário a escrita e o suporte. Porém, as histórias de uma e de outro são distintas:

- a) da escrita grega o alfabeto mais antigo é o cretense, derivado do linear A, que vigorou em Creta entre 1450 e 1200 a.C.. Em 1000 a.C., vigorou um alfabeto de origem fenícia e cananéia que propõe a correspondência entre a letra e o som.
- b) quanto ao suporte, há testemunhos de escrita em vaso e também em madeira. No séc. VII a.C., porém, começaram a circular os manuscritos; foi então que se dividiram as epopéias homéricas em 24 cantos correspondentes aos 24 caracteres do alfabeto cananeu; foi então também que o filho de Pisístrato fez editar em couro aquelas epopéias, e o legislador Licurgo, mais tarde, tragédias de Ésquilo. No séc. VI a.C., o livro já é comum, de maneira que, no séc. V a.C., Aristófanes já alude a livreiros e copistas.

– houve três tipos de edições na Grécia, a saber: as oficiais, do filho de Pisístrato e de Licurgo; as dos gramáticos alexandrinos; as exotéricas, de Aristóteles.

– é lendária a versão de Dião Cássio, segundo a qual a biblioteca de Alexandria teria queimado em 45 a.C.; de fato, a biblioteca só teria desaparecido em 643 d.C., quando da conquista árabe.

– a transmissão dos textos foi prejudicada por obstáculos vários; assim:

- a) o cristianismo não repudiou cabalmente a cultura grega, mas relegou-se a um plano elementar; assim, Basílio de Cesaréia incentivou os jovens a ler os poetas gregos, mas propôs uma seleção de autores úteis;
- b) com a substituição do rolo de papiro pelo códice, perderam-se as indicações esticométricas daquele, as quais ajudavam a controlar a cópia;
- c) até o séc. III a.C., empregou-se a letra capital, porque o suporte duro da pedra impôs o traço reto; no séc. III a.C., surgiu a letra oncial, porque o papiro permitia o traço curvo; no séc. VIII a.C., a descoberta do papel, de origem chinesa, permitiu desenvolver a letra minúscula. A cada mudança, porém, a transliteração operou como adaptação imperfeita de uma caligrafia por outra;
- d) segundo L. Havet (*Manuel de critique verbale*), há faltas estereotipadas; por exemplo:
- e) má leitura: o copista engana-se ao copiar:
- f) mau corte: o mau corte de uma capital pode desaparecer numa oncial; por exemplo, AMA pode copiar-se ou AMA ou ALLA;
- g) má transliteração: AEI > DEI; AGAQOI > APLOOI;

- h) abreviação ou taquigrafia: as abreviaturas muito sucintas, como a de *kaí*, desaparecem freqüentemente;
- i) paronomásia: pode ser motivada pela má pronúncia; assim, o copista, ao ler *nyn*, pronuncia *noun* e, daí, copia *noun*;
- j) pronúncia: o copista lê o texto de acordo com a pronúncia do grego praticada por ele; assim, o iotacismo contaminou os textos gregos; assim também, desapareceu o digama;
- l) adição: cf. *Rhet. Al. I 1: hyperebalómen > hypereballómen*;
- m) supressão: quando uma palavra se repete entre duas ou três linhas, o copista pode saltar da primeira para a segunda ocorrência;
- n) transposição: cf. *Rhet. Al. I 1: pépomphas > pémpophas*;
- o) associação: o copista escreve aquilo em que está pensando ou aquilo que lhe desvia a atenção momentaneamente; por exemplo, escreve “cálamo” em vez de “tálamo” porque tem um cálamo na mão.

3ª aula (26/8)

- os estudos de estilística são em geral desprezados pelos especialistas em retórica.
- o vínculo do metro e da dança promove a união do ouvido e do corpo; na verdade, mesmo quando os gestos não acompanham a recitação, o metro insinua a dança.
- três são os eixos gregos dos estudos de linguagem, a saber: os sofistas, Platão e Aristóteles:
 - a) os sofistas supõem que o que dizemos existe do modo como dizemos. Isócrates dá prosseguimento à sofística e, ainda que negue a ontologia, propõe o vínculo da palavra e da ação de tal modo que a perfeição oratória conduza à perfeição moral;
 - b) Platão supõe que haja a possibilidade de dizer as coisas diretamente e, daí, rejeita todos os ornamentos elocutivos que se possam interpor entre o arrazoado e as coisas;
 - c) Aristóteles supõe que as palavras sejam arbitrárias, mas que haja uma homologia que permita prender cada palavra a uma coisa própria;

– segundo Arstt. *Rhet.* III, a *períodos* tem começo, meio e fim e compõe-se de *kôla* que podem ser iguais ou desiguais e arrazoar coisas afins umas com as outras ou contrárias umas às outras. Daí, é de reparar que o entimema, que pertence à invenção, se compõe de uma antítese, isto é, de uma *períodos* composta por dois *kôla* contraditórios, o que pertence à elocução. Na verdade, a descrição de entimema dada por Aristóteles pode-se comparar com a descrição da passagem da potência ao ato. Assim também, os *asteia* são como um meio-termo da obscuridade e da excessiva ou vulgar clareza, pelo que são o instrumento do ensino da *máthesis*. Assim também, segundo Arstt. *Rhet.* III, os refutativos são mais bem-sucedidos que os assertivos, porque aqueles são menores, antitéticos e comparativos e, daí, mais fortes. Em suma, o modo elocutivo tem força argumentativa.

– segundo Arstt. *Rhet.* III, as excelências da frase são quatro, a saber: 1ª clareza e *prépon*, 2ª eleição de palavras, 3ª metáfora, 4ª epítetos e diminutivos:

- a) o *prépon* é a distinção tanto elocutiva quanto político-social e é também um meio-termo da baixeza e da soberba;
- b) a palavra *metaphorá*, tal qual empregada por Arstt., remete à idéia de transferência, ou melhor, à idéia de referir um nome a algo que não lhe é próprio. Tal idéia foi posteriormente designada pela palavra *trópos*. Uma convenção teria estabelecido os vínculos das palavras e coisas próprias. Aristóteles define dois tipos de desvios, a saber: o da coisa e o da palavra;
- c) a metáfora fornece modelos explicativos. Na *Geração dos animais*, há um problema que consiste em explicar o funcionamento do esperma, que seria um gás que evapora do sangue graças ao calor do peito, mas que encontra o resíduo menstrual, que é frio. Daí, o problema reside em explicar como o quente e sensível produz vida no frio e insensível. Ora, para tal, Aristóteles emprega uma metáfora. Além disso, a metáfora permite fazer ver o imaterial como material. Nas *Partes dos animais*, diz-se que o coração é necessário a todos os animais porque todos necessitam de calor. Então, explica-se por metáfora que o coração é como uma lareira que deve ser guardada como uma cidadela;

– é difícil averiguar a contribuição de Teofrasto para a doutrina das categorias elocutivas e das figuras, pois só o conhecemos por testemunhos indiretos. Seja como for, admite que sejam quatro, e não três os ofícios do discursador, a saber: pensamento, elocução, *páthe* e *éthe*, e que sejam quatro as excelências da elocução, a saber: *hellesnimós*, *saphéneia*, *prépon* e *kekosméne léxis*.

4ª aula (27/8)

1ª parte: a origem do uso e doutrina das figuras:

– a dificuldade do estudo das figuras e tropos deve-se, antes de tudo, a que é interdisciplinar, ou melhor, interessa à retórica, à gramática e à filosofia; demais, a que é incerta, como o confessam Cícero e Quintiliano; enfim, a que as origens são conhecidas de segunda mão, por exemplo, as doutrinas de Cecílio de Cale Acte e de Rutilio Lupo.

– segundo Calboli (*From aristotelian léxis to elocutio.*), no período compreendido entre o séc. III a.C. e o séc. I d.C., a teoria das figuras depende da escola aristotélica, antes de tudo, e da difusão da Escola de Rodes, de maneira que a doutrina das figuras passa pela escola asianista e, em particular, por Ateneu e Apolônio Molão.

– segundo Noël (*Gorgias et l'“invention” des GORGIEIA SXHMATA.*), as figuras chamadas gorgiânicas associam antítese, *isókolon* e *paromoíosis*, ou seja, figuras fundamentais à doutrina aristotélica do período. Tais figuras, porém, muito cedo foram acusadas de resultar numa retórica demasiado evidente e, daí, vulgar. Górgias, porém, teria feito sucesso em sua embaixada a Atenas justamente por sua oratória cheia de figuras, segundo Dionísio de Halicarnasso. Porém, Górgias não teria inventado tais figuras, mas apenas se teria servido delas. Ora, parece que a teoria pós-teofrástica é que teria escalonado o uso das figuras, sugerindo que Lísias não as emprega, e que Isócrates as emprega com moderação, e que Górgias as emprega de modo excessivo.

2ª parte: TIBÉRIO. *Das figuras de Demóstenes:*

– Tibério foi por muito tempo desprezado; assim, já no séc. XVI, por Aldo Manúcio, e no séc. XX, por Boissonade, e em 2002, por Gibson, que estuda os comentadores de Demóstenes.

– Tibério (séc. IV d.C.) tem vários pontos comuns com Alexandre (II d.C.), por exemplo, a mesma definição, mesmo exemplo e mesmo comentário de clímax; isso, porém, porque ambos talvez dependam de uma fonte comum, que seria Cecílio de Cale Acte.

– a exposição feita sob forma de lista faz Tibério incorrer em automatismo, às vezes. De fato, propõe duas listas de 20 figuras, uma lista suplementar de 6 figuras e ainda uma figura avulsa. Assim, define *émphasis* de maneira algo tautológica, dizendo que é *hótan di'héteron emphaínei...*

- Tibério também não é especialista em Demóstenes, pois ilustra certas figuras demostênicas com textos do *corpus* demostênico que, todavia, já Libânio e outros ainda anteriores a este sabiam pertencer a outros oradores.
- se se comparam as listas de Alexandro e Tibério, vê-se que 50% das figuras de pensamento deste não estão naquele, e que 30% das figuras de elocução deste não estão naquele.
- Tibério teria visado a dois objetivos: 1º a resumir a teoria das figuras, que seria muito prolixa; assim, ao passo que Alexandro define a *prodiórtosis*, a *epidiórtosis* e a *amphidiórtosis*, Tibério expõe tão-só a *diórtosis*, de modo a dividi-la em *prodiórtosis* e *epidiórtosis*; 2º a reorientar a teoria das figuras, que se descreviam como modo de dizer desviado do modo habitual, propondo que se descrevam como modo de dizer feito expressivo pelo contexto, ou ainda, propondo que as figuras, que se descreviam como ornamentais, se entendam como argumentativas.
- Tibério caracteriza a arte de Demóstenes como ofensiva pela ironia, enérgica pela apóstrofe, irritante pelo contraste, elegante pela pariosose, profunda pela inserção, humilde pelo clímax, espantosa pela alegoria.

3ª parte: PSEUDO-HERACLITO. *Alegorias homéricas*:

- o Pseudo-Heraclito pretende defender Homero contra os que o acusam de impiedade. Fá-lo, porém, num contexto estoíco, que nutre um desprezo profundo pela retórica.
- para explicar a alegoria do tridente de Posidão, começa por criar um problema exegético inexistente por si e, daí, explica que o muro de Tróia caiu, não por causa do deus, mas porque o tridente é alegoria das três formas de terremoto.
- para explicar a sedução de Zeus levada a cabo por Hera, diz que a deusa é, primeiro, o ar frio e, depois que se embelezou, o ar quente da primavera.
- muita vez, a alegoria assenta-se numa comparação; às vezes, porém, assenta-se numa metalepse ou numa paronomásia ou num eufemismo. Daí, poder-se-ia concluir que o Pseudo-Heraclito é não só estoíco, mas eclético, e não só eclético, mas rétor.

5ª aula (2/9)

1ª parte: *progymnasmata*:

- Suet. *De gram. et rhet.* afirma que os *progymnasmata* existiam desde o séc. III a.C., ou melhor, desde a introdução da retórica em Roma (cf. Quint. II). De fato, há

papiros que testemunham de exercícios que integram a série de *progymnasmata*; nos papiros, porém, tais exercícios aparecem isolados. Pois a sistematização da série de onze exercícios desceria ao séc. II a.C.. Seja como for, o mais antigo testemunho é o de Élio Teão.

– há quatro tratados consagrados aos *progymnasmata*, a saber: 1º Élio Teão (séc. II d.C.), 2º Hermógenes (séc. III d.C.); 3º Aftônio (séc. IV d.C.); 4º Nicolau de Mirra (séc. V d.C.).

– o cânon aftoniano vigorou durante toda a I. Média, composto por uma série de onze exercícios preparatórios ordenados segundo o grau de dificuldade, assim: 1º *mythos* ou fábula; 2º narração; 3º *khreia*; 4º sentença; 5º refutação e confirmação; 6º lugar-comum; 7º elogio e vitupério; 8º comparação; 9º etopéia; 10º tese; 11º discussão de lei. O último exercício caiu em desuso cedo, de modo a abolir o que, todavia, parece obedecer a uma orientação aristotélica, na medida em que Aristóteles crê que a maior responsabilidade ética é a do legislador.

– originalmente, destinam-se ao jovem de entre 14 e 17 anos de idade que, recém-saído da escola do gramático, ainda não ingressou na escola do rétor. Isso, porém, contraria Marrou, segundo o qual a educação antiga se interessava tão-só pelo adulto, pelo que teria adotado critérios abstratos e formalistas.

– os *progymnasmata* instruem o aluno em várias habilidades, a saber: 1ª na habilidade de discursar, pelo exercício da fábula e da narração; 2ª na habilidade de amplificar, pelo exercício da *khreia*, da sentença e da etopéia; 3ª na habilidade de argumentar, pelo exercício da refutação e confirmação e da tese.

– quanto à fábula, Nicolau de Mirra é contrário a que se disponha a moral no início da fábula, por considerar que o próprio da fábula é seduzir antes para ensinar depois. O exercício da fábula pede que se reescreva o texto original substituindo um número por outro – por exemplo, pelo dual –, ou um caso por outro – por exemplo, pelo acusativo, que, segundo Élio Teão, teria sido o caso mais freqüentemente empregado pelos antigos –.

– quanto à tese, os casos de que temos notícia são quatro, a saber: 1º se devemos casar; 2º se devemos usar da retórica; 3º se devemos navegar; 4º se devemos construir muros. O último caso, por exemplo, dependeria de Isócrates, para quem a diplomacia seria o mais eficiente muro de defesa.

– a par dos *progymnasmata* havia exercícios de acompanhamento, a saber: 1º a *anágnosis*, que consistia em ler em voz alta o texto de um poeta ou prosador, a fim de aprimorar não só o vocabulário, mas a atuação; 2º a *akróasis*, que consistia numa audição antes ativa que passiva, na medida em que visava a permitir que o aluno se apropriasse do

que ouvia. Para tal, o preceptor levava os alunos ao fórum ouvir os oradores, ou ao teatro ouvir os atores. Então, assinalava os passos que os alunos deviam reter na memória para, posteriormente, transcrever; 3º a reformulação, que consistia em parafrasear um discurso de acordo com critérios sistematizados, por exemplo, em reescrever um discurso de Demóstenes à maneira de Lísias, e vice-versa.

– conclusão:

- a) o sistema educativo dos *progymnasmata* não opunha argumentação e autoridades, de modo que não se pode dizer que fosse rígido;
- b) o sistema educativo dos *progymnasmata* não opunha teoria e prática; ao contrário, Élio Teão diz que o aperfeiçoamento depende do equilíbrio entre a leitura e audição, de um lado, e a escrita e fala, de outro;
- c) o sistema educativo dos *progymnasmata* não é brutal nem impositivo; ao contrário, Élio Teão aconselha o preceptor a corrigir, não todos os vícios do discípulo, mas apenas os mais proeminentes, a fim de o não inibir;
- d) o sistema educativo dos *progymnasmata* visa ao aprendizado de formas de discurso intermediárias da gramática da frase e da retórica do gênero;
- e) o sistema educativo dos *progymnasmata* torna os alunos autônomos, porque os ensina a manipular as autoridades que estudam.

2ª parte: *stáseis*:

– Hermágoras de Temno (séc. II a.C.) escreveu um tratado sobre as *stáseis* que, embora perdido, pode ser reconstituído a partir de quatro testemunhos, a saber: da *Rhet. Al.*, de Cic. *Inu.*, de Quint. e de Ps.-Aug. *Rhet.*. Dos cinco tratados que integram o *corpus* hermogeniano, apenas dois pertenceriam a Hermógenes (de Tarso?), a saber: os *progymnasmata* e o *perì stáseon*.

– a doutrina das *stáseis* é imprescindível para a leitura do *Da invenção* de Cícero, assim como do “Livro 3” da *Instituição oratória* de Quintiliano.

– a palavra *stásis* é a mais corrente. A raiz **steH₂* significa “instalar” ou “situar”, donde vem que designe, por exemplo, a ação do lutador que se posiciona ante o inimigo para atacá-lo ou defender-se dele.

– são quatro as *stáseis* elementares, a saber:

1ª estado conjectural (*stokhastikè stásis*), que consiste em discutir o fato, ou melhor em perguntar se algo ocorreu ou não;

2ª estado definidor (*horikè stásis*), que consiste em discutir, não o fato, mas a definição legal do fato, isto é, em perguntar, não se ocorreu, mas o que é aquilo que se admite que ocorreu;

3ª estado qualificativo (*poiótes* ou *dikaiologikè stásis*), que consiste em qualificar a ação, não do ponto de vista da lei, mas do ponto de vista das circunstâncias;

4ª transposição (*metálepsis*), que consiste em simplesmente recusar ou adiar o processo, alegando alguma irregularidade deste.

– podem-se supor várias fontes, assim:

- a) à primeira vista, Aristóteles parece não interessar-se muito pelas *stáseis*, pois, em Rhet. I 13, 1373, diz tão-só que às vezes não nos interessamos pela ocorrência do fato, mas pela definição ou qualificação deste, e, em Rhet. III 15, 1416, diz tão-só que um outro lugar consiste em ir além da acusação, alegando que o fato não é o que dizem, ou ainda, que não é como dizem. Porém, o nome *poiótes* que alguns dão à terceira *stásis* parece pertencer ao vocabulário aristotélico das categorias. De fato, Quintiliano propõe correspondência entre as quatro primeiras categorias (*ousía, posótes, poiótes* e *pròs tí*) e as quatro *stáseis* elementares, assim como entre as outras seis categorias e seis *tópoi*. Seja como for, Aristóteles, ainda que tenha conhecido as *stáseis*, não as teria organizado, como o fez Hermágoras;
- b) a Rhet. Al. distingue entre *agones tímatoi*, cuja pena era prefixada, e *agones atímetoi*, cuja pena dependia do parecer dos juízes, que, por isso, cobravam a definição do *agon*;
- c) Lísias, ao intervir como logógrafo de Agôrato (ca. 398 a.C.), diz, primeiro, que negar-lhe o fato é impossível, mas, depois, que é preciso qualificar este;
- d) Antífonte, ao assumir o caso do comerciante que teria sido assassinado em viagem e cujo cadáver teria desaparecido, de maneira que a dificuldade do caso residisse, antes de tudo, na ausência do cadáver, indaga, primeiro, dos motores do assassinato, perguntando se teria sido a ira, o poder, os meios, a vontade. Ora, os mesmos tópicos integram o sistema das *stáseis* de Hermágoras;
- e) os procedimentos jurídicos da Ática do séc. V a.C. repartiam as causas em três. Na verdade, desde o séc. VII a.C., Dracão repartira as causas de acordo com os tribunais, de maneira que, se um ateniense tivesse sido acusado de assassinato, por exemplo, o tribunal seria: 1º o areópago, se o acusado não reconhecesse a culpa, isto é, se negasse o fato; 2º o paládio, se o acusado não admitisse os termos da acusação, por exemplo, se admitisse ter matado, mas não de modo premeditado; 3º o delfino, se o acusado admitisse ter matado de propósito, mas alegasse que tivera razão para fazê-lo.

6ª aula (3/9)

3ª parte: *lógos eskhematisménos*:

– o *lógos eskhematisménos* é um discurso elaborado de tal modo que faça ouvir algo outro que o que se diz.

– segundo Demétrio, há quatro caracteres, a saber: o *megaloprepés*, o *glaphyrós*, o *haplós* e o *deinós*. Ora, o *lógos eskhematisménos* prende-se ao *deinós*, em primeiro lugar, porque o orador não pode exercer diretamente sua habilidade oratória sem arriscar-se, por exemplo, quando pretende corrigir um tirano; em segundo lugar, porque tem de evitar a franqueza bruta. Em suma, o *lógos eskhematisménos* prende-se ao *deinós* ou pela *euprépeia* ou pela *aspháleia*; ou ainda, ou quando somos censurados por outrem, ou quando nos censuramos a nós mesmos. Enfim, Quintiliano acresce a tais causas a *uenustas*.

– segundo Demétrio, um exemplo de obediência à *euprépeia* vê-se do início do Fédão, em que Platão diz que Aristipo de Cirene estava na ilha de Egina no dia mesmo em que Sócrates consumou sua pena de morte. Já um exemplo de respeito à *aspháleia* vê-se do dizer: “Dionísio em Corinto”, ou ainda, do reprovar um tirano para reprovar aquele que de fato queremos reprovar, ou ainda, do elogiar o que fez um tirano para reprovar aquele que fez o contrário.

Bibliografia da disciplina:

ALGRA, K; BARNES, J.; MANSFIELD, J.; SCHELFELD, M. (ed.) *The Cambridge history of Hellenistic philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ARMISEN-MARCHETTI, M. *Sapientiae facies. Études sur les images de Sénèque*. Paris: Les Belles Lettres.

CALBOLI, G. *From aristotelian le/cij to elocutio*. *Rhetorica*. 16, 1996, p. 47-80.

CALBOLI MONTEFUSCO, L. *La dottrina degli status nella retorica greca e romana*. Bologna: 1984.

DAUSON, D. *Allegorical readers and ancient reason*. Berkeley/Oxford: 1992.

DOMINIK, W. J. (ed.) *Roman eloquence*. London: 1997.

DYCK, A. *De officiis: a commentary*.

EDELSTEIN, K. *Posidonius, The fragments*. Cambridge: 1972.

FLASHAR, H. *Die Hellenistische Philosophie*. Basel: 1994.

- FOUCAULT, M. *Le souci de soi*.
_____. L'herméneutique du sujet. In: *Séminaire de 81-82*. Paris: 2000.
- GARBARINO, G. *Filosofia romana prima di Cicero*. Torino: 1973. 2 t.
- GIBSON. *Interpreting a Classic. Demosthenes and his ancient commentators*. University of California, 2002.
- GOLDSCHMIDT, V. *Le système stoïcien et l'idée de temps*. Paris: J. Vrin.
- GRIFFIN, M. Seneca, a philosopher. In: *Politics*. Oxford.
- HADOT, P. *Marc-Aurèle: la citadelle intérieure*.
- JOULE, R. V.; BEAUVOIS, J.-L. *Petit traité de manipulation à l'usage des honnêtes gens*. Grenoble: 1987.
- LONG, A. Stoic readings of Homer. In: _____. *Stoic studies*. Cambridge: 1996. p. 58-84.
- MORAU, P. *La joute dialectique dans le 8^e Livre des Topiques*. In: Aristotle on dialectics. The *Topics*. Oxford: 1968. p. 277-312.
- MORETTI, G. *Acutum dicendi genus. Brevità, oscurità, sottigliezza e paradossi nelle tradizioni retoriche degli Stoici*. Bolonha: 1995.
- MOST, G. Cornutus and Stoic allegoresis. *A.N.R.W.*, II, 36, 3, p. 2014-65.
- NOËL, M.-P. *Gorgias et l'"invention" des GORGIEIA SXHMATA*. *REG.* 112, 1999, p. 193-211.
- SETAIOLI, A. Seneca e lo stile. *A.N.R.W.*, 32, 2, 1985, p. 756-858.
- STEINNETZ, P. Allegorische Deutung und allegorische Dichtung in der Alten Stöa. *Reinische Museum*. 129, 1986, p. 18-35.
- Stoicorum veterum fragmenta*. Ed. I. Arnim. Leipzig: Teubner, 1903-24. 4 v.
- TIBERIUS. *De figuris Demosthenicis*. Ed. Ballaira. Romae: 1968.

Notícia de
MARCOS MARTINHO DOS SANTOS
PPG Letras Clássicas
FFLCH/USP